

FALANDO A MESMA LÍNGUA

Dislexia pode ser superada com intervenções pedagógicas motivadoras

A dificuldade de fazer leituras em sala e a lentidão para copiar a matéria do quadro podem caracterizar a dislexia, mas falta consenso entre os especialistas na hora de diagnosticar esse comprometimento da leitura e da escrita. Os resultados da maioria dos testes que avaliam essa deficiência dependem da forma como são interpretados pelos profissionais que os aplicam - quase sempre sem levar em conta a realidade de cada aluno. Para piorar, quando vista num laudo clínico, essa dificuldade vira um rótulo, diante do qual muitas famílias se conformam e deixam de estimular a criança.

A boa notícia é que é possível, sim, mudar essa realidade, como mostrou Roberta Roque Baradel em seu estudo de mestrado em neurolinguística. No trabalho, concluído em 2010 no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (SP), a pesquisadora comprovou que as dificuldades desses estudantes nada tinham de patológicas e podiam ser vencidas com exercícios simples. Para isso, ela acompanhou por um ano e meio dois alunos seus com dislexia e desenvolveu com eles uma série de atividades para superá-la, a partir do dia a dia de cada um.

"A ideia foi trabalhar as dificuldades deles por meio de exercícios motivados por seus próprios interesses", conta Baradel. Uma das atividades partiu do mangá - histórias em quadrinhos japonesas -, as preferidas de um dos alunos, de 12 anos. A linguista trabalhou com ele vários aspectos desse tipo de gibi em dois momentos



diferentes: em sala de aula, na escola municipal onde lecionava português; e em aulas particulares, duas vezes por semana. "Ele produzia um texto sobre a história e eu marcava a linha onde havia desvio ortográfico", lembra. "Depois, ele relia o que havia escrito, para corrigir suas dificuldades."

ALÉM DA PATOLOGIA Baradel concluiu que as produções das crianças consideradas disléxicas eram normais e algumas de suas dificuldades tinham

características semelhantes às de alunos que iniciam o processo de aquisição da leitura e escrita. A professora inclusive atribuiu parte dos desvios ortográficos - expressão que acha mais adequada do que 'erros' - ao fato de os meninos não releerem o próprio texto: "Na releitura, a criança foi capaz de apontar e corrigir desvios ligados à influência da fala na sua escrita", apontou a linguista.

Por isso, ela defende que o diagnóstico não deve ser o fim, mas o

O bicho cartindeiro

Eu tinha um bicho cartindeiro o bicho cartindeiro quem não sabi (//) é um bicho que fais você levantar, petir para ir no bameiro etc.

E tinha um professora que ningham não gostava a causa dela e de e lastico ela pasava texto e levata va a causa e a goraxa cacausa fazia ples ples. O bicho cartindeiro não aguentou e eu pedir para ela para ir no bameiro ela não deixou ai a sala todo combinou e cado ela mexia na causa nois mudava de baso ela mexeu ples mutamos ples mutamos de novo. Ela pediu para eu estrever a loza toda eu e o bicho cartindeiro foi e ele caio na risa eu foi rinto

Há eu achei muito legau porque ela Tinha um bicho cartindeiro que viaia rir

O bicho cartindeiro

Eu tinha um bicho cartindeiro e bicho cartindeiro quem não sabi (//) é um bicho que fais você levantar, petir para ir no bameiro etc.

E tinha um professora que ningham não gostava a causa dela e de e lastico ela pasava texto e levata va a causa e a goraxa cacausa fazia ples ples. O bicho cartindeiro não aguentou e eu pedir para ela para ir no bameiro ela não deixou ai a sala todo combinou e cado ela mexia na causa nois mudava de baso ela mexeu ples mutamos ples mutamos de novo. Ela pediu para eu estrever a loza toda eu e o bicho cartindeiro foi e ele caio na risa eu foi rinto

Há eu achei muito legau porque ela tinha um bicho cartindeiro que viaia rir

Em atividade pedagógica proposta a partir do livro *Bichos que tive*, de Sylvia Orthof, o aluno escreveu um texto, em que aparecem desvios ortográficos e de nasalização. Estes, porém, foram corrigidos pelo próprio estudante na releitura do texto

começo de um processo que inclui treinar, reler, copiar, buscar os erros. "Apesar do que diz o laudo, esses alunos têm condição de superar o rótulo. Pode demorar, mas o resultado chega", afirma. "Mas é necessário acompanhar o seu desenvolvimento e estar presente para auxiliá-los."

FALTA SOLUÇÃO EM CONJUNTO Os alunos com leitura e escrita comprometidas (e seus professores) têm obstáculos mais sérios pela frente. No contexto do ensino público brasileiro, com salas superlotadas e aprovação automática, o laudo de dislexia muitas vezes isenta os educadores da respon-

sabilidade de enxergar as necessidades individuais de cada aluno e buscar atendê-las. "A avaliação clínica diz que o professor tem de lidar com esses estudantes de forma especial, mas isso fica só no papel e ninguém discute o que fazer", crítica Baradel.

Outro problema a ser superado, segundo a pesquisadora, é a segmentação que há entre os profissionais envolvidos no tratamento dessas crianças. Para ela, existe uma 'briga' de mercado e formação entre os neurologistas, de um lado, com a experiência clínica, e os linguistas, de outro, com a vivência em sala de aula. Entre eles, lembra Baradel, há ainda

os fonoaudiólogos, com o conhecimento da técnica terapêutica. Cada grupo, no entanto, atua isoladamente.

Como educadora, Baradel defende que é possível estender as intervenções pedagógicas descritas em sua dissertação a outros alunos com as mesmas dificuldades. "Para isso, é preciso deixar de lado a 'decoreba' da gramática e olhar para a linguagem como um processo que forma o sujeito e permite que ele construa a sua realidade", conclui a professora.